Boletim da Associação 25 de Abril
N.º 65 Outubro a Dezembro 2001
Distribuição gratuita

O Referencial

EDITORIAL

Novos atractivos

Está a terminar o primeiro ano civil em que a A25A dispôs da sua Sede, de um espaço condigno, depois de, há 15 anos, ter sido injustificada e arbitrariamente desalojada do Forte do Bom Sucesso. Foram longos anos de espera, de dúvidas, mas também de esperança, de teimosia, de um combate que teve sucesso.

Várias vezes expressámos, nesta coluna, a nossa convicção de quê, a Sede, não significando, só por si o remédio de todos os nossos problemas, constituiria a solução de alguns deles apresentando-se como a condição sem a qual os outros não se poderiam enfrentar. Era o ponto de viragem que permitiria encetar uma nova era na nossa vida associativa e encarar com outro optimismo a perseguição dos nossos objectivos.

Estes primeiros oito meses desta nova etapa vêem, penso que sem excessivo triunfalismo, confirmar as nossas expectativas e justificar ambições de que as potencialidades reveladas possam ser ainda melhor aproveitadas.

A vida da Associação e na Associação renovou-se e os associados, amigos e convidados, até mesmo os curiosos que nos visitam, reconhecem a dignidade e funcionalidade das instalações e apreciam o ambiente que aqui encontram. A área de convívio social, de dinamização cultural, aliadas à excelência da localização, têm constituído um trunfo que importa rentabilizar. O restaurante e o bar, em particular, para além das vantagens já referidas, proporcionam um benefício óbvio, de qualidade unanimemente reconhecida, constituindo uma aposta ganha.

(Continua na pág. 3)

Foto DN - Eduardo Tomé

EDITORIAL

(Continuação da pág. 1)

A Direcção tem desenvolvido um esforço notável de dinamização cultural. O átrio-auditório tem servido de palco ao lançamento de obras literárias, de sócios da A25A ou de seus simpatizantes, que optam pela nossa casa para darem a conhecer publicamente os seus trabalhos. Aí se encontram permanentemente patentes obras de arte e vários associados o têm aproveitado para exposição das suas criações plásticas, cujas inaugurações têm constituído assinaláveis eventos culturais. Contando com convidados especialistas, que não apenas associados, têm-se promovido debates sobre importantes temas da actualidade, larga e intensamente participados, que têm constituído inegáveis êxitos. Com tudo isto a A25A passou a ter outra visibilidade na comunicação social.

Não se interprete, porém, este reconhecimento como uma euforia prematura e irrealista, que ignora os aspectos desfavoráveis que persistem. Seria mau embandeirarmos em arco, apenas salientando o que de positivo se vem conseguindo e desvalorizando o muito que há ainda a fazer, com o risco de se desbaratarem mesmo os ganhos iniciais.

É certo que a Associação passou a ter outra afluência, mais procura mas, em grande parte, continua a ser a de uma parcela restrita do nosso universo associativo. Ainda continuamos a ser quase sempre os mesmos. Mas os que aparecem de novo tendem a alargar essa parcela e, por isso, é importante que se desperte o interesse pela primeira visita.

Apesar do aumento do número de adesões de novos associados, a dinâmica não atingiu os números desejáveis. As campanhas nesse sentido não têm sido provavelmente compensadoras e não tem havido capacidade para dar a conhecer os benefícios, obviamente não materiais, mas de natureza cívica, de realização pessoal, de convívio cultural e de empenhamento nos genuínos valores de Abril, que podem atravessar transversalmente os vários sectores políticos e sociais da sociedade portuguesa.

Por outro lado, ainda não se sentiu uma inversão significativa no alheamento de uma percentagem excessivamente numerosa dos nossos associados, quer em relação às actividades da Associação, quer mesmo em relação ao cumprimento das suas responsabilidades e compromissos, para que possamos encarar o futuro com tranquilidade. A nossa Sede proporciona novos atractivos, mas isso traduz-se também em acréscimo de encargos. Creio ser absolutamente desnecessário explicar porquê.

Acreditamos que era possível. Outros também acabaram por o compreender, proporcionaram apoios, persistimos e acabámos por conseguir. Temos de corresponder a esse esforço e a esses apoios. Por isso temos também de ser mais exigentes com nós próprios. Com todos nós.

Deixamos aqui apenas enunciados alguns aspectos que há que encarar para prosseguirmos. O mundo em geral, este sistema global de contornos indefinidos e contraditórios e, com ele, Portugal, atravessa momentos conturbados, que coloca muitas dúvidas. O convívio democrático pleno enfrenta desafios. A A25A, com os objectivos que são os seus e que nada têm a ver com ambições de poder, pode ter aí um papel importante a desempenhar. Aceitemos a quota de desafio que nos cabe e procuremos dar a resposta adequada. •

Espaço do Vicente

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE
Associação 25 de Abril
Rua da Misericórdia, 95
1200-271 Lisboa

DIRECTOR
Pedro Pezarat Correia

DIRECTOR-ADJUNTO
José Cardoso Fontão

ENDEREÇOS
Associação 25 de Abril
Rua da Misericórdia, 95
1200-271 Lisboa
Telef. 21 324 14 20
Fax 21 324 14 29
E.mail: a25a.sec@25abril.org

Delegação Norte
Escadas do Barredo, 120 R/c Esq.
Telef. Fax: 22 203 1197
4050-092 Porto
Apartado 4678 - 4012-001 Porto
E-mail: a25a_norte@hotmail.com

Delegação do Centro
Apartado 3041
3000 Coimbra

Delegação do Alentejo
Largo Álvaro Castelões
7570 Grândola

Delegação do Canadá
153 Hamilton St
Toronto - Ontario - M4M 2C9

Núcleo do Algarve
Rua Francisco Gomes, 18 - 1.º
8000 Faro

Núcleo de Castelo Branco
Bairro Buenos Aires, 47
6000 Castelo Branco

IMPRESSÃO
Tip. Escola ADFA
Largo Outeirinho da Amendoeira
Campo de Santa Clara
1070 Lisboa - Telf. 21 882 2480

TIRAGEM: 4500 exemplares

Distribuiçao gratuita

Depósito Legal nº 32998/89

Editorial 1 e 2

In Memoriam de José Gomes Mota 4 e 5

Da Direcção 6 a 9

Associados da A 25A nas Ruas de Lisboa 10 a 12

Opinião 13

Das Delegações e Núcleos 15 a 18

Vamos Aprender Bridge 19 e 20

A Direcção apela a todos os associados para manterem actualizadas as suas quotizações

Para pagamento das suas quotas
Envie Cheque – ou Vale do Correio –
endereçado para «Associação 25 de Abril»

Faça transferência bancária:
BTA – Conta 11579948/001
CGD – Conta 0397012770430

José Gomes Mota

Foto Arquivo DN

Evocar a memória do comandante José Gomes Mota nas páginas de *O Referencial*, deve ser, antes de tudo, salientar a importância da sua empenhada e dinâmica participação no processo político e social que a intervenção militar de 25 de Abril desencadeou em Portugal.

Por estar desligado do serviço não pertenceu ao grupo inicial de militares que rompeu com meio século de ditadura para instalar a democracia em que vivemos, como ardentemente teria desejado, mas tal não o impediu de nele ter tido um papel preponderante. Logo a 27 de Abril, irrompeu na Cova da Moura com efusivas manifestações de alegria para me dizer apenas, "Tinhas razão". Evocava assim a longa e acalorada polémica travada entre aqueles que argumentavam com a ilegitimidade de permanecerem na Marinha, servindo com isso o regime, nomeadamente a sua política colonial e acreditavam que lá fora melhor ajudariam a por fim à ditadura, e os que defendiam o dever de se manterem ao serviço, animados pela convicção de que só um movimento democrático organizado no seio das Forças Armadas teria capacidade de derrubar o regime.

A partir do 25 de Abril Gomes Mota não mais deixou de se manter muito próximo do essencial que foi acontecendo em Portugal. Dispondo de uma de vastíssima gama de relações e amizades que cruzava grupos e extractos sociais, possuidor de excepcionais qualidades de inteligência e de relacionamento humano e fortemente interessado na mudança política que então ocorria, a pouco e pouco foi-se tornando um profundo conhecedor da complicada cena política nacional, das capacidades das pessoas e dos grupos que a compunham e nela agiam, dos seus interesses e objectivos, das suas relações, possibilidades de acção e influência. Mais notável ainda, era a inteligência com que fazia a análise de situações complexas, a aptidão que tinha para distinguir os seus elementos essenciais, de fazer a previsão dos efeitos que teriam as várias decisões, de antever tendências.

Naturalmente que tais capacidades e aptidões, demonstradas através da acutilância e da lógica irrecusável da sua argumentação, foram tomadas em atenção pelos jovens militares que então assumiam pesadas responsabilidades nacionais. A sua opinião e conselho foram tendo, assim, através deles, influência no desenrolar dos acontecimentos. É é curioso observar que a constatação dessa influência e o sentir-se próximo dos meios de decisão bastavam aos seus anseios de participação nas grandes transformações que ocorriam no país. Por várias vezes recusou o protagonismo político directo, evitando assumir importantes cargos a que poderia ter tido acesso e uma carreira política. Prezava a sua liberdade e independência, apesar de ser homem de um só campo político com qual se sentia profundamente solidário por imperativos ideológicos de há muito assumidos e de ser pessoa coerente na acção por respeito aos valores que o orientavam.

Apercebendo-se cedo de que as divergências surgidas entre o então Presidente da República e a Comissão Coordenadora relativas á descolonização podiam pôr em causa a consecução do programa do MFA e, com ele, a consolidação da própria democracia, bateu-se com desassombro pela negociação directa com os Movimentos de Libertação seguindo as recomendações da Comissão dos 24 da ONU, em particular junto dos sectores políticos onde encontrava hesitações.

Não posso deixar de recordar aqui a forma empenhada e eficaz com que Gomes Mota apoiou a descolonização de Moçambique, em particular a influência que teve na constituição da qualificadíssima comissão que conduziu as negociações com a parte Moçambicana. Os dezoito acordos então firmados relativos ao contencioso colonial e em particular os referentes às relações futuras entre os dois países que, tal como os de Evian, a História não deixaria concretizar, aí estão como exemplo a estudar do sentido de cooperação então alcançado e da excelência técnica da sua expressão.

As ameaças á liberdade e á democracia determinadas pelas aventuras políticas e os exageros pseudo-revolucionários do verão de 1975 não permitiram a Gomes Mota manter por mais tempo a posição de conselheiro que até aí havia tido. A sua honestidade e fundo sentido de dever cívico determinam-lhe uma participação total na luta então travada, embora nenhum dever institucional a isso o obrigasse. É com a coragem e a determinação que sempre lhe conhecemos que enfrenta os graves perigos de então. Com a grandeza e generosidade que era seu timbre, oferece a própria casa para

Foto DN - Pedro Sousa Dias

O Comandante Gomes Mota à conversa com Vasco Lourenço e Maria Rosalina Machado, na Conferência de Imprensa sobre o Congresso "Portugal que Futuro" em Janeiro de 1994.

servir de local clandestino de reunião. É aí, que se encontram os principais protagonistas militares agregados em torno do Documento dos Nove. Aí se faz a discussão dos graves problemas que o país atravessa. É de sua casa, transformada em quartel general naquele Verão quente que saem as grandes decisões e a organização que, em Novembro, colocará nas linhas o desviado comboio de Abril, consolidando os seus propósitos originais. É nessa luta pela reposição dos ideais de Abril que o comandante Gomes Mota ganha, em definitivo e com inteiro mérito, os galões de capitão de Abril. Presta ainda à História serviço inestimável no seu livro *A Resistência* com detalhado relato dos acontecimentos então vividos e lúcidos comentários.

Com a normalização da vida nacional, a presidência da TAP marca o seu regresso às actividades empresarias onde já tinha dado largas provas. O cargo, na altura, constituía grande desafio, mas era nas dificuldades que as suas qualidades mais se salientavam. A competência então demonstrada e os resultados obtidos nos dois períodos em que geriu a empresa 1976-77; 1986-87 estão assinalados nos seus anais.

Na parte final da presidência da TAP, marcada já por divergências com a administração Cavaco Silva, Gomes Mota aceita, com inteira consciência dos riscos, um dos maiores desafios da sua vida, a direcção do primeiro MASP. Estamos recordados dos 8 por cento que as sondagens atribuíam ao candidato, a qualidade e os apoios dos adversários e o leque partidário de então. Mas a apreciação que fazia das qualidades do candidato e o entendimento de que era o que melhor serviria o país, não lhe permitiram hesitações. Foi no exercício destas funções que Gomes Mota revelou em pleno as suas capacidades: o espantoso leque relações e amizades que construíra ao longo da vida, a capacidade negocial, as qualidades de organizador, a clareza das análises, a criatividade e, sobretudo, a eficácia e realismo com que escolhia as soluções. A grande vitória de Mário Soares na presidência foi, também, na assinalável modéstia com que a viveu, uma grande vitória pessoal para Gomes Mota.

A partir daí, todas as grandes vitórias políticas não partidárias tiveram a sua direcção ou o seu muito próximo concurso. Assim aconteceu no segundo MASP, na eleição de Jorge Sampaio, primeiro para a presidência da Câmara e depois nos dois mandatos presidenciais e na primeira candidatura de João Soares em Lisboa. Orgulhava-se legitimamente de nunca ter sido perdida uma eleição em que se tivesse empenhado.

A Marinha, onde serviu durante vinte anos e que tanta influência teve no seu elevadíssimo sentido de honra e dever cívico, na sua noção de camaradagem e de fidelidade às amizades, era referência permanente do seu imaginário, preenchia grande espaço da sua afectividade. Na realidade, Gomes Mota, apesar de se ter realizado muito mais como gestor e homem público do que como marinheiro, sempre se sentia oficial de Marinha.

Personalidade de interesses multifacetados que iam da política à pintura, dos negócios à arquitectura, da polémica ao futebol, amava a vida como poucos. Vida grande, essa, cheia de realizações e de sucessos nos constantes desafios que a si próprio se impunha. Pelos seus trabalhos e intervenções directas, mas, sobretudo, pela influência que a sua opinião e visão foi tendo nas decisões tomadas sobre os destinos do país, o comandante Gomes Mota foi, indiscutivelmente, uma das figuras marcantes de Portugal nos últimos trinta anos.

Victor Crespo

ASSEMBLEIA GERAL

Vai realizar-se a reunião ordinária da Assembleia Geral, onde se procederá à eleição dos corpos gerentes para o biénio de 2002-2003.

A nossa vida associativa tem tido alguma intensificação, desde que nos instalámos na nova Sede.

As reuniões da Assembleia Geral constumam ser um dos sinais mais significativos da natureza da vida associativa. Por isso, estamos certos de que a próxima reunião do dia 23 de Fevereiro vai ser importante e bastante participada. A responsabilidade está nas mãos dos sócios...

PASSAGEM DO ANO

No âmbito das actividades que se vêm organizando na nossa Sede, ocupou lugar importante o convívio da passagem do ano. Organizado pela PRO25, proporcionou momentos de franca e alegre convivência, onde cerca de cem associados e familiares entraram no ano de 2002 esperançados num ano melhor que o que findava...

Foi com algumas reservas que se decidiu avançar para a organização deste convívio. É portanto natural que, face ao sucesso obtido, estejamos todos satisfeitos e dispostos a repetir a dose. Em passagens de ano ou noutros eventos...

A aposta no Restaurante/Bar está ganha, o tipo de organização pretendido foi atingido, está a dar frutos bem apetitosos.

Isso não nos pode permitir, contudo, um cruzar de braços. Vamos responder às várias iniciativas dos responsáveis pela exploração dos espaços, vamos participar e, assim, a vida associativa intensificar-se-á com os inerentes e positivos resultados.

V.L

ACTIVIDADES NA SEDE

Tertúlias

A Violência na Sociedade Portuguesa
Tema da Tertúlia das Sextas-feiras à noite nos meses de Janeiro e Fevereiro

Vivemos um tempo em que o ruído substitui o diálogo e a solidão substitui a solidariedade.

Desde Setembro que a Associação 25 de Abril criou a tertúlia das sextas-feiras à noite, onde se tem vindo a realizar uma série de debates sobre temas de grande actualidade.

Em conjunto temos reflectido, discutido, discordado e concordado. E ainda bem. Porque este espaço existe exactamente para que seja possível convergir e divergir de uma forma tranquila que nos permita regressar a casa mais ricos e mais fortes pelo confronto de idéias.

Em Outubro e Novembro abordámos várias das questões decorrentes do 11 de Setembro numa diversidade de abordagens que permitiu um diálogo muito intenso e vivo mas franco e democrático entre várias perspectivas e pontos de vista.

A partir de Janeiro temos vindo a abordar as questões relacionadas com a emergência de focos de violência de diferente tipo que a imprensa e a televisão trazem cada vez mais para a pantalha neste país que sempre nos orgulhamos de pensar como uma terra de brandos costumes.

Violência na família, na cidade, no emprego; violência sobre as crianças, os idosos, as mulheres, violência dos jovens; violência nos jornais e na televisão.

O debate tem corrido com vivacidade e paixão graças ao público presente e à generosa participação de especialistas e personalidades de grande prestígio.

Cumprimos assim o grande objectivo de conhecer melhor os contornos da violência na nossa sociedade, questão polifacetada que vai ganhando cada vez mais visibilidade. Procuramos, assim, estar mais preparados para reconhecer os sinais de perigo apareçam eles onde aparecerem e saber que mecanismos e que estratégias devem ser convocados para uma correcta resolução dos focos de violência que surjam quer no foro aparentemente particular, quer no público.

Por falta de conhecimento das novas instalações ou por falta de hábito da dinâmica que se pretende conferir à vida da Associação, poucos têm sido os sócios a comparecer e participar nestas realizações onde, apesar de tudo, não tem faltado um público vivo e interessado,.

Insistimos num apelo à participação dos sócios porque Abril não é um museu de portas fechadas. É e deverá ser cada vez mais um processo de crescimento democrático que exige a participação de todos e que continua a fazer-se em cada dia que passa.

As primeiras sessões abordaram os temas da violência doméstica, da violência sobre crianças, da violência na adolescência e da exclusão e violência na cidade. As próximas sessões terão os seguintes temas e participantes já confirmados:

Dia 1 de Fevereiro - Violência nas novas formas de organização do trabalho nas grandes empresas, dr. Luís Gamito, psiquiatra e director do Hospital Júlio de Matos, e dr. Marrachinho Soares, assessor da Administração da EDP.

Dia 15 de Fevereiro - Autoviolência: alcoolismo, mutilações, suicídio, com participantes a confirmar.

Dia 22 de Fevereiro – A violência nos media, com participantes a confirmar.

Registem-se, ainda, outras actividades realizadas na sede.

Fórum 25 de Abril

- 25 de Outubro de 2001: inauguração da exposição colectiva de fotografia *Olhares Sobre os Muros* de Florence Patte, Paixão Esteves e Ricardo Veiga Pires.
- 15 de Novembro de 2001: inauguração da exposição de pintura, *Diálogo a Dois*, de Stella Barreto e Franco Charais.
- 24 de Novembro de 2001: Colóquio sobre o ambiente, organizado pela Associação Portuguesa de Economistas Amigos da Terra.
- 26 de Novembro de 2001: *Leituras*: textos de Rui Guilherme Lopes (Atelier da Máquina de Escrever).

- 27 de Novembro de 2001: Lançamento do livro de José Jorge Letria, *O Terrorismo e os Media*.
- 3 de Dezembro de 2001: abertura do bazar de Natal.

Convites feitos à A25A

A CASA DA AMÉRICA LATINA
Inauguração da exposição de escultura de Cláudia Lima
06-12-2001

ÂNCORA EDITORA
Lançamento do livro "D. Manuel Martins - A Esperança de um povo" de Alcídio Torres
26-10-2001

AMASCULTURA
Estreia da 50ª produção do Teatro Malaposta "Felizmente há Luar"
25-10-2001

ASSOCIAÇÃO INTERVENÇÃO DEMOCRÁTICA
Debate sobre "OS 25 Anos de Poder Local Democrático"
25-10-2001

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA
Inauguração da Feira de Natal - Natal na Oficina de Cultura
7-12-2001-12-10

Festa de Natal no Solar dos Zagallos
15/18-12-2001

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
3ª Mostra de Teatro Jovem de Lisboa
13/25-11-2001

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE GAIA
Estreia do espectáculo do TED "Lavrar, Amar e Folgar" - Espectáculo Vicentino
10-01-2002

CÂMARA MUNICIPAL E A COMPANHIA DE TEATRO DE PORTALEGRE
Estreia do espectáculo "O marionetista de Lodz"
13-10-2001

XI edição do Festival Internacional de Teatro de Portalegre
17-10-2001

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM
Inauguração da Sala do Conto, na Biblioteca Municipal de Santiago do Cacém
26-10-2001

Lançamento do livro "Património Edificado de Santiago do Cacém"
27-10-2001

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL
Inauguração da exposição de pintura de Maria José Camões
07-12-2001

CENTRAL DE CERVEJAS
Inauguração da Exposição colectiva de pintura e escultura "Três Andamentos"
15-11-2001

CENTRO CULTURAL DA MALAPOSTA
Estreia de "Com os erros, aprendemos a errar mais ainda"
18/28-10-2001

CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA
Assinatura de protocolo Com a Fundação Calouste Gulbenkian de depósito de espécies fotográficos
17-12-2001

Inauguração da exposição "Gritos Surdos" de Miguel Rio Branco
19-12-2001

CÍRCULO DE LEITORES
Lançamento do livro "Belmiro - História de Uma Vida" de Magalhães Pinto
08-11-2001

CLUBE ESCOLAMIZADE
Teatro/ revista à Portuguesa
17-11-2001

CLUBE MILITAR NAVAL
Inauguração da exposição de pintura de Herlander Zambujo
7-11-2001

CLUBE DE PRAÇAS DA ARMADA
Inauguração da exposição de pintura de Helena Lobato
01-11-2001

CLUBE RECREATIVO DA CRUZ DE PAU
Exposição " A República"
05-10-2001

CLUBE DE SARGENTOS DA ARMADA
Sessão comemorativa final das obras de beneficiação e restauração do edifício
27-10-2001

COMISSÃO INSTALADORA DO MUNICÍPIO DE ODIVELAS
Espectáculo de poesia e música "Só Puro Amor, seis poetas e uma poetisa"
22-11-2001

Inauguração da exposição fotográfica de Xanana Gusmão " Um Olhar sobre Timor"
05-12-2001-12-10

Concerto de Ano Novo - Stabat Mater de G. Rossini, orquestra Sinfónica Juvenil e Coral de Linda-a-Velha"
06-01-2001

CONSELHO NACIONAL DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DE MULHERES
Distinção de Honra do MDM 2001
18-11-2001

CTT - CORREIOS DE PORTUGAL
Lançamento da emissão comemorativa do EURO
Inauguração da exposição de Vítor Santos - EURO - A Arte da Nossa Face
02-01-2002

EDITORIAL CAMINHO
Lançamento do livro "Também há Mulheres Filósofas" de Maria Luísa Ribeiro Ferreira
18-10-2001
Lançamento do livro "As memórias de um Espírito" de Germano Almeida
31-10-2001

Lançamento do livro "Dana Michahelles Meirelles
13-11-2001

Lançamento do livro "Lágrimas e Laranjas" de Maria Alexandre Dáskalos
14-11-2001

Lançamento do livro "Política, Dinheiro e Fé" de António Borges Coelho"
21-11-2001

Sessão de lançamento do livro "Trisavo de Pistola à Cintura e outras histórias" de Alice Vieira
28-11-2001

Sessão de Lançamento do Livro "O Bilhete Postal Ilustrado e a História Urbana de Tomar " de José Manuel da Silva Passos
19-12-2001

EDITORIAL PRESENÇA
Lançamento da obra "Não Vou Chorar o Passado" de Tiago Rebelo
24-10-2001

FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES
Colóquio "Portugal e Espanha 15 anos depois da adesão à União Europeia"
19/20-10-2001

Inauguração da exposição do escultor José Aurélio
17-11-2001

GALERIA DE ARTE CAPITEL
Inauguração de exposição de Luisa Aleixo e Virgílio Raposo
06-10-2001

Inauguração da exposição de Lourdes e Victor Neto
27-10-2001

GRÉMIO DE INSTRUÇÃO LIBERAL DE CAMPO DE OURIQUE
Debate "O dever de Votar como acto de consciência do cidadão"
06-12-2001

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS
Noites Cabo-Verdianas com o escritor francês Jean-Yves Loude
24-10-2001

Exposição-conferência "Encadernações contemporâneas"
5/30-11-2001

Inauguração da exposição de Isabel Silva
17-11-2001

JORNAL "A COMARCA"
Homenagem a Kalidás Barreto
24-11-2001

JUNTA DE FREG. DA BAIXA DA BANHEIRA
Entrega de prémios do II Concurso de Fotografia
26-11-2001

Homenagem do Sr. Adriano Encarnação - Dirigente do Ano
03-12-2001

Apresentação do livro "Peões de Xadrez" de Carlos Alberto (Carlo)
05-12-2001

Tomada de posse dos Órgãos Autárquicos da Freguesia
10-01-2002

JUNTA DE FREG. DA PONTINHA
Sessão Solene comemorativa do XVII Aniversário
30-11-2001

LIGA DE AMIGOS DA CASA-MUSEU JOÃO SOARES
Almoço-Debate "A Cultura da Paz e o Mundo do 11 de Setembro"
17-11-2001

LIGA DOS COMBATENTES
Cerimónia do 83º Aniversário do Armistício da IGG
11-11-2001

MONTEPIO GERAL - SERVIÇOS SOCIAIS - GALERIA EXPOSIÇÕES
Inauguração da exposição de Vitral de Gioconda Ferreira
05-11-2001

Inauguração da exposição de pintura de Fernando Morais
03-12-2001

MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA
Inauguração do III PortoCartoon
10-10-2001

MUSEU REPUBLICA E RESISTÊNCIA
Exposição de Tina Modotti Vida e fotografia - 26-10-2001

GOETHE-INSTITUT LISSABON
Conferência sobre o tema " A controversa Universalidade dos Direitos Humanos
11-12-2001

SIND. DOS TRAB. CIVIS DAS FORÇAS ARMADAS, ESTABELECIMENTOS FABRIS E EMPRESAS DE DEFESA
Encontro / Debate sob o tema " Estabelecimentos Fabris das Forças Armadas e Industrias de Defesa - presente e futuro"
28-11-2001

SOCIEDADE FILARMÓNICA UNIÃO ARTÍSTICA PIEDENSE
VI Concerto de Gala Comemorativo do 112º Aniversário
17-11-2001

Concerto de Ano Novo
11-01-2202

TEATRO DE PORTALEGRE
Lançamento do livro" Teatro de Portalegre - Vinte Anos de Actividade: 1979 -1999"
15-12-2001

UNIVERSITÁRIA EDITORA
Lançamento da obra "Lugares do Medo" de José Manuel Travado
27-11-01

VEREADOR ANTÓNIO ABREU / administração da EBAHL-E-M
Abertura do Museu da Marioneta
28-11-2001.

Ofertas feitas à A25A

LIVROS:

Lisboa contada pelos dedos - crónicas
de Baptista-Bastos (oferta do autor).

Guerra Colonial
de José Jorge Martins (oferta do autor).

Pad'ZÉ o Cavaleiro da Utopia
de J. Mendes Rosa

O Jardim da Mango
de António José Ferreira Quinteira

Cataventos de Coimbra
de Mário Nunes

Poemas do Avô
de Albano Ferreira
Oferta do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro.

Os putos de agora não sabem nada do 25 de Abril
de Luís Rainho (oferta do autor).

Barrancos Resiste!
de António Eloy (oferta do autor).

O Terrorismo e os "Media" o tempo de antena do terror e outras reflexões
de José Jorge Letria (oferta do autor).

MEDALHAS:

Grupo de Arqueologia e Arte do Centro - 1978-1998 - 20 anos

Baptista Bastos - Crónicas de Lisboa contada pelos dedos - Montepio Geral - Lisboa 2001

DIVERSOS

Pano pintado comemorativo do 25.° Aniversário do 25 de Abril, elaborado pelos alunos do 2.° ano-C, da Escola n.° 30 do Restelo

Serigrafia da autoria de Mário Silva

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos e do Regulamento Interno, convoco a Assembleia Geral da Associação 25 de Abril para se reunir em sessão ordinária na sua sede social sita na Rua da Misericórdia, 95, em Lisboa, no dia 23 de Fevereiro de 2002, pelas 14,00 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Leitura e aprovação da acta da Assembleia Geral anterior.
2. Ratificação de admissão de sócios e apoiantes.
3. Discussão e votação do Relatório de Actividades e Contas da Direcção respeitantes ao ano de 2001, e respectivo parecer do Conselho Fiscal.
4. Discussão e votação da eventual utilização das instalações da sede social como local de velório de sócios falecidos.
5. Apreciação da actualidade da A25A. Contributos para a acção futura da A25A.
6. Contituição da Assembleia Geral em Corpo Eleitoral para a eleição da Mesa da Assembleia Geral e dos Corpos Gerentes para o biénio de 2002/2003, nos termos do Art.° 7.° dos Estatutos
   a) Votação
   b) Escrutínio
   c) Marcação da data de tomada de posse da Mesa da Assembleia Geral e dos Corpos Gerentes eleitos.

Caso à hora marcada não estejam presentes a maioria dos sócios, a Assembleia terá o seu início e funcionará com qualquer número de associados 30 minutos depois, nos termos do n.° 3, art.° 35.° do Regulamento Interno.

Sede da Associação 25 de Abril, em Lisboa, a 7 de Janeiro de 2002

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Amadeu Garcia dos Santos

ASSOCIADOS FALECIDOS

João Alves dos Santos - (Sócio Fundador nº 308)
Fernando Benedito Andrés - (Sócio Fundador nº 425)
Manuel António Dantas - (Sócio Fundador nº 771)
Rui Manuel Martins Tavares Luc - (Sócio Fundador nº 971)
António José Delduque Pereira Gonçalves - (Sócio nº 2115)

A todos os seus familiares as nossas sinceras condolências

I CONCURSO NACIONAL DE FOTOGRAFIA

"O REFERENCIAL"

Vai a Direcção da A25A, em conjunto com a Direcção de "O Referencial", levar a efeito um concurso fotográfico trimestral, que se rege pelo seguinte:

REGULAMENTO

1. OBJECTIVO
Proporcionar aos amantes da fotografia a participação numa iniciativa de carácter lúdico e cultural relacionada com uma actividade de seu interesse.

2. PARTICIPANTES
O concurso está aberto à participação de todos os associados e seus familiares, excluindo os membros do júri e funcionários da A25A.

3. TEMA
O tema é livre, podendo ser apresentar-se trabalhos fotográficos em papel, sem qualquer suporte, nas modalidades a cores e a preto e branco.

4. NÚMERO DE TRABALHOS E FORMATOS
Cada participante pode apresentar até 4 trabalhos em cada modalidade no formato mínimo de 13x18 (ou 10x15) e máximo 20x30 (ou 17x25).

5. IDENTIFICAÇÃO
No verso de cada trabalho deverá constar em letra legível: o título do trabalho, o nome do autor, morada, telefone, número de associado da A25A e grau de parentesco, com associado, se for caso disso.

6. INSCRIÇÃO
Pela participação no Concurso será cobrada uma taxa de inscrição de € 5 (cinco Euros), paga em vale de correio, cheque ou numerário.

7. RECEPÇÃO E TRABALHOS
Os trabalhos a submeter a concurso deverão ser enviados à A25A até ao último dia útil dos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro de 2002, ficando os mesmos a constituir propriedade da A25A.

8. ENVIO
Os trabalhos participantes poderão ser entregues em mão ou enviados pelo correio, com o seguinte endereço:

ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL
Concurso Nacional de Fotografia *O Referencial*
Rua da Misericórdia, 95 - 1200-271 LISBOA

9. PRÉMIOS
1. Só haverá uma fotografia premiada por trimestre, podendo o júri atribuir menções honrosas, sendo todas estas publicadas em O Referencial.
2. O autor da foto premiada receberá uma medalha da A25A.
3. Cada edição de O Referencial divulgará a foto premiada no trimestre anterior, bem como as menções honrosas.
4. Em Janeiro do ano seguinte, será seleccionada a melhor foto entre todas as premiadas, à qual será atribuído um grande prémio, cujo valor e natureza serão divulgados em breve.

10. JÚRI DO CONCURSO
Os trabalhos admitidos serão apreciados por um fotógrafo de reconhecido prestígio e dois responsáveis de O Referencial.

In Memoriam

Cmdt. Pereira Gonçalves

Vítima de ataque súbito, faleceu, no passado dia 7 de Janeiro, o nosso associado António Pereira Gonçalves.

O capitão de mar e guerra Pereira Gonçalves (o Toni como era conhecido entre os amigos) foi um colaborador empenhado em todos os torneios de bridge organizados pela A25A, onde teve a seu cargo as arbitragens, funções para as quais tinha especial preparação, dado o seu estatuto de árbitro oficial da FPB, onde exercia também funções de presidente do Conselho de Arbitragem.

Ao amigo, ao camarada, ao consócio e ao colaborador aqui manifestamos o nosso apreço e homenagem. À família enlutada apresentamos as mais sinceras condolências.

Até sempre, Toni!

Luís Galvão

A fim de podermos fazer circular mais rapidamente a informação destinada aos nossos associados e para que ela também tenha custos mais baixos para a A25A,

apelamos

a todos os que possuem endereços electrónicos que os mesmos nos sejam comunicados para a25a.sec@25abril.org, bem como a respectiva actualização

a25a.sec@25abril.org

CML Homenageou, Melo Antunes, Tito de Morais e Vasco da Gama Fernandes

Associados da A25A nas ruas de Lisboa

A Câmara Municipal de Lisboa homenageou três associados da A25A, já falecidos, atribuindo os seus nomes a três ruas situadas no Alto do Lumiar, na freguesia da Charneca.

Foi com natural e emotivo orgulho que muitos associados nossos compareceram ao descerramento das placas com os nomes de Ernesto Melo Antunes, Manuel Tito de Morais e Vasco da Gama Fernandes, três distintos e ilustres cidadãos que participaram activamente na luta pela construção de um Estado democrático em Portugal e que, com a sua vida, honraram a Associação 25 de Abril. Que voltaram a honrar, ao receber esta distinção, que, permita-se-nos um pouco de vaidade, também nos honrou a nós, seus sócios e companheiros.

Na presença de muitos militares de Abril, que quiseram prestar uma homenagem a um dos seus principais, Vítor Alves evocou a memória de Melo Antunes, com as palavras que se reproduzem:

A atribuição do nome de um cidadão a uma rua é, simultaneamente, um apelo À memória colectiva e o perpetuar de uma figura que se impôs numa determinada época, no todo nacional e/ou internacional.

Em boa hora, decidiu a Câmara Municipal de Lisboa atribuir o nome de Melo Antunes a esta rua.

Não vou agradecer a decisão, porque os actos de justiça não se agradecem. Antes, felicito quem tomou a iniciativa e quem a concretizou.

Agradeço, sim, a honra que me conferiram, ao dar-me a oportunidade de intervir nesta cerimónia de homenagem a um fraternal amigo, a um Homem admirável, a um grande português, um grande europeu e um notável cidadão do mundo.

Ernesto Augusto Melo Antunes nasceu em Lisboa, a 2 de Outubro de 1933. Matriculou-se na Academia Militar, no curso de Artilharia, e ingressou no Quadro Permanente do Exército em 1957. Colocado em várias unidades no Continente e Açores, cumpriu três comissões de serviço em Angola entre 1963 e 1973, com o posto de capitão.

Como major participou activamente no 25 de Abril de 1974, estando nessa altura colocado nos Açores.

Em 1981 passa à reserva com o posto de tenente coronel e em 1990 passa automaticamente à reforma.

Em toda a sua vida militar demonstrou excepcionais sentido de camaradagem e de comando dos seus homens.

Porém, sem esquecer a especificidade do serviço que lhe competia desempenhar, defende sempre a cidadania, a sua e a dos homens que comandava.

Já quando jovem, era de todos conhecida a sua propensão: para os livros, sim, mas não para os escolares, salvo se neles houvesse algo ligado à história, sociologia, filosofia, economia ou política.

Não espanta, pois, vê-lo exilado em 1957 da Escola Prática de Artilharia para os Açores, ou discretamente envolvido na campanha presidencial do Gen. Humberto Delgado, ou ainda, em 1969, integrar a lista da oposição democrática de Ponta Delgada.

Como de estranhar, seria não o ver envolvido no 25 de Abril, afinal, aquilo por que tinha lutado toda a vida.

Foi a 5 de Fevereiro de 1974, em pleno período conspirativo, que Melo Antunes participou pela primeira vez numa reunião do Movimento das Forças Armadas. Logo ali ficou encarregado de , em conjutno com outros camaradas, elaborar o documento que viria a ser aprovado na reunião de Cascais – O Movimento das Forças Armadas e a Nação – manifesto que marcará definitivamente o rumo da Revolução do 25 de Abril.

Após Cascais recebe a Direcção do Movimento o encargo de elaborar a base do programa político a apresentar ao País, documento que ficou conhecido como o Programa do Movimento das Forças Armadas.

Tarefas nada fáceis se atendermos à necessidade de conciliar tendências bem distantes no seio das Forças Armadas.

Durante o período revolucionário integra a Comissão Coordenadora do MFA e o Conselho de Estado. Em qualquer destes órgãos , bem como, depois, no Conselho dos 20 e no Conselho da Revolução, a sua voz sempre se impôs, não só, pela coerência das suas posições, mas sobretudo, pelo equilíbrio das mesmas. Tal coerência e equilíbrio valer-lhe-iam alguns dissabores junto de camaradas e forças políticas, que pretendiam ou imprimir uma aceleração inaceitável ao processo, ou paralizá-lo.

Nos governos provisórios é por todos reconhecida e louvada a forma como desempenhou o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros, e a elaboração do Programa de Política Económica e Social, também conhecido por Plano Melo Antunes, que se tivesse sido adoptado introduziria desde logo Portugal na senda do progresso.

Junte-se a tudo o que ficou dito a elaboração do Documento dos Nove – que homens como Eduardo Lourenço consideram, e cito, «nas suas linhas gerais só o projecto dos Nove é realista e por isso mesmo revolucionário», fim de citação; as propostas de negociações do Pacto MFA-Partidos, que enformaria a Constituição da República; os comunicados mais importantes do Con-

Associados da A25A nas ruas de Lisboa

selho da Revolução, nomeadamente o comunicado final; a tomada de posição pública no desenvolvimento do 25 de Novembro, não permitindo o afastamento do Partido Comunista do processo democrático, e poderá dizer-se, sem margens para dúvidas, que Melo Antunes foi o autor da matriz ideológica do 25 de Abril e um dos maiores construtores da democracia no nosso país.

Menos conhecido, embora de extraordinária relevância para a construção e consolidação do nosso Estado de direito, foi o seu papel enquanto presidente da Comissão Constitucional.

Recordo palavras do Prof. Doutor Jorge Miranda, antigo membro da Comissão: [...] «Todos quantos passaram pela Comissão puderam admirar a inteligência posta na direcção dos trabalhos, a capacidade de participação em debates jurídicos com professores universitários e juízes, o sentido do diálogo e tolerância que o presidente sempre revelou [...] Melo Antunes, homem de convicções e homem de Estado (qualidade que poucos reúnem), homem de ideais e homem de lucidez, homem de dignidade, foi um dos fundadores da democracia portuguesa.»

O Ernesto foi, ainda, o primeiro português a ser nomeado para um cargo superior na UNESCO.

Muito se falou e escreveu sobre Melo Antunes por altura do seu falecimento. Com a devida vénia faço minhas as palavras do actual Presidente da República: «Um homem sério e íntegro, um resistente e patriota exemplas: Homem de Estado de admirável consistência, um intelectual da melhor craveira», e de Ramalho Eanes: «Fela sua acção se poderá com justiça dizer que ele é o pai da democracia em Portugal.»

A seu irmão Fernando, à sua viúva, Maria José, à mãe dos seus filhos, a eles, Catarina, Ernesto, Joana e a seus netos, Maria, Pedro e Ernesto, junto-me no momento em que me curvo perante a sua memória, memória que se perpetuará nesta rua, de seu nome. •

Vitor Alves

O Capitão de Abril Luiz Villas-Boas

A sociedade mediática que sucedeu ao 25 de Abril estarrece-nos diariamente com a qualidade dos personagens que promove.

Se pensarmos em alguns dos militares, e dos cidadãos em geral, com maior proeminência social, somos possuídos por um sentimento um tanto desalentado.

Daí, nos parecer oportuno trazer um bom exemplo contrário às páginas do Boletim.

O Luiz Villas-Boas alcançou a mais saliente e justíssima projecção, quer nacional quer internacional, através do nobre papel que vem desempenhando.

Entregando-se de alma e coração ao trabalho de reabilitar uma das muitas instituições de solidariedade social que, por esse País fora, funcionavam em moldes de assistência arcaica e por vezes repugnante, elevou-a de tal modo que ela se constituiu como projecto piloto de um Serviço de Emergência Infantil nacional e, mais tarde, como modelo internacional de intervenção nesta área.

Será difícil transmitir-vos em palavras o que foi a sua acção no Refúgio Aboím Ascenção, em Faro, embora muitas imagens cativantes e comoventes tenham corrido nas nossas televisões e também não será fácil dar-vos conta do papel que o Luiz Villas-Boas desempenha. Muito resumidamente, ele é, hoje, vice-presidente do Instituto de Emergência Infantil e da Rede Europeia de Acção Social, membro dos Comités Executivos do Fórum Mundial e do Fórum Europeu da Criança, titular de várias organizações ligadas à psicologia e à psicologia clínica, à protecção da criança, etc.

O que muitos dos que vão lendo estas linhas também desconhecem, quem sabe se a maioria, é que ele foi um dos grandes dinamizadores do *Movimento dos Capitães* em Angola e de tal modo que o Vasco Lourenço, logo a pós o 25 de Abril, tentou chamá-lo à estrutura de cúpula que se estava a formar.

Razões de saúde que viriam a ser ultrapassadas muito mais tarde impediram que, na fase seguinte, ele entrasse na galeria dos militares em evidência.

Como todos sabemos, o desprendimento político dos Capitães que saíram de cena dando lugar, por um lado, ao Movimento das Forças Armadas que só no dia 25 deixou de ser virtual, por outro, aos resistentes civis em que reconheciam a sua própria força moral, originou o efeito perverso de ficarem espremidos e até desprezados pelos novos protagonistas.

Não se discute a validade do processo que deu expressão às forças políticas em prejuízo do «voz militar». Esta Associação assume por inteiro a «festa» e a ânsia participativa que varreu Portugal de ponta a ponta, todavia, teria sido bom, será bom ainda, que um sentimento de justiça genuíno entre na cabeça de muito boa gente.

Felizmente, para todos nós, o Luiz Villas-Boas encontrou a notoriedade numa obra que é a expressão mais pura do «sentido» de um 25 de Abril que tinha os olhos postos nos mais desprotegidos e há alguém mais desamparado do que uma criança abandonada, maltratada, violentada?

Honremo-lo por isso e honremos também o jovem *Capitão de Cavalaria* que em 1973 correu quantos riscos pessoais e profissionais foram necessários para fazer vergar o carácter discricionário do poder político e caminharmos em direcção ao objectivo final que foi o derrube da ditadura. •

J. F.

Abril de Ouro

Vivendo cada instante e cada dia
como se fosse eterna a minha vida,
Vinte e quatro anos mais tarde
do antes e do depois
da Rebelião das Fardas
das Mil e Uma Noites...
Eu te recordo assim:

Vestida de azul e mar. Como um clámor,
Celestial. Militar.
No teu jovial tropel tu és
Revolução de Abril
com frescor de Primavera,
uma flor
oferecida com amor
a uma Nação inteira.

Mas é preciso dizer:
Feita de Cravo e canela
e especiarias finas
Demasiada flor tu foste
para tão fraca terra!

Em pólen te desfizeram
e repasto
das feras e dos abutres.
Mas uma transfusão
entre tu e eu
de sangue e tecido. Transparente.
Nos salvará da sofreguidão
Aos dois...

Quem sou eu para dizê-lo!...

Sou todos os homens e todas as mulheres
Que te querem ou invocam. Esse sou eu!...
Unidos num só
Irremediavelmente!...

Sou sol-posto. Sou fogo.
Sou este pedaço de papel incandescente
que te dedico...
a ti e ao teu Espírito.
Com a nossa Voz lá dentro
Com a verdade que eu prédico.

Sou quem sofre por Ela. Quem luta. Quem grita.
Quem morre por Ela...
Sozinho se for preciso.
Sou, fui e serei...

Quem te canta e serve,
porque é nesse cantar que me supero
É da luta que eu renasço
cada dia que passa...
Porque é preciso.

É preciso!
Não desistir nunca.
Nem repousar...
só porque se faz difícil ou impossível
Só porque se faz cómodo
ou está escrito algures
que pode perder-se tudo...
À sombra
da glória tua.

...Que na luta já eu perdi tudo
por mais de uma vez na vida!

Ainda tu não existias
num sonhativo ser.
A mais invejada e idolatrada
A única Insurreição Armada
que conheceu a História:
Real e utópica. Vitoriosa.
Saída de um Conto de Fadas...

Sem uma bala disparada
ao peito ou à multidão
por quem libertou a Pátria
de quarenta e oito anos de opressão...

Sem um arranhão...
Com orgulho o digo...

E já eu embalava
esse teu berço de lata
onde passaste a infância.

Mas não te lembras
tão imaculada era
essa tua ilimitada ânsia
de cometer sem vingança
a tua desgraça m a i o r
com a maior grandeza tua:
Tão doce e tão amarga era -
A Liberdade!
Assim chamada sem vaidade:
Bem-aventurada e perigosa
porque nos eleva e aquece...
Mas também nos ilude e frusta
quando adoece...

Que passaste por mim sem ver-me
e me esqueceste.
Mas não eu a ti.
Toma lá esta flor...
De cravos feita.

Como um barco a naufragar
ao longe me deixaste
sem protecção nem abrigo
num estreito lugar
onde só de em ti pensar
eu corria perigo.

Vinte e nove anos depois
de mil novecentos setenta e dois
Com infinita agonia o digo:
Ainda não estou a salvo!

Quando o recordo estremeço
mas não te culpo
porque o teu encanto é tanto
que para ti só tenho
palavras doces e fascínio.
Como se um feitiço fosses
mais longe que todos
os teus autores...
Revolução de Abril tu és
do pedestal onde estás
um sonho todavia
do presente e do futuro
de um Povo inteiro.

Tu és a pérola, és o grito
trepidante e claro
que ferrilhará sempre
aqui no peito.
És como a luz e o espírito
És a semente
desse mágico recado
que com tanto geito deste...
Em mil novecentos setenta e quatro.

Hoje e sempre
não deixarei nunca
que perversão alguma
miséria ou lama
te salpiquem nunca.

(Extraído do **Canto V - Abril de Ouro** do poema ***Oh Lisboa*** de Luís de Mastressuma e Rhutra, começado a escrever em 1996. Inédito.)
- *Abril de Ouro...* dado à luz em Maio de 2001-

Guerra Colonial – Entre o Debate e a Ameaça

David Martelo

Cansado de ler e ouvir as acusações mal fundamentadas que, ao longo dos últimos 27 anos, a direita de inspiração salazarista tem vertido a propósito da descolonização portuguesa, aproveitei o epílogo do meu livro "1974 – Cessar-fogo em África" para lançar, sobre a matéria, o que me pareceu ser um honesto quanto justificado desafio. Propunha eu:

«É preciso reconhecer que a polémica sobre a descolonização, em termos políticos, durará ainda alguns anos – pelo menos enquanto viverem os seus principais intérpretes. Verificamos, com mágoa, que o debate até agora realizado se quedou muito pelas querelas políticas da revolução. Os que defendem a obra realizada fazem-no, na maior parte das vezes, reconhecendo as dificuldades herdadas do regime anterior e a fatalidade de se ter desenrolado em simultâneo com uma revolução na metrópole. Os que se não conformam com o resultado obtido, no entanto, têm-se limitado a condenar e a criticar. Só teríamos a ganhar, em termos de debate de ideias, que alguém desse campo viesse a público expor o como e o com que meios de uma solução genuinamente exemplar.»

É evidente que, para obter resposta a este repto – a qual, naturalmente, se não esgota nos seus contornos puramente académicos –, importava que houvesse do lado contrário uma disposição científica sincera e se abatessem, ao menos temporariamente, as bandeiras agressivas da paixão política. Uma boa oportunidade para tal poderia ter surgido durante a realização do II Congresso Internacional sobre a Guerra Colonial, evento em boa hora promovido pela Universidade Aberta. Os trabalhos do referido Congresso tiveram lugar, de 12 a 14 de Novembro de 2001, no Fórum Cultural do Seixal. Aí estive presente, no primeiro daqueles dias, para apresentar uma comunicação.

Foi patente, entre a maioria dos congressistas, a vontade de oferecer ao público presente textos devidamente fundamentados, resultantes, certamente, de muito estudo e de um cuidadoso trabalho de investigação. De acordo com o plano estabelecido, os trabalhos do primeiro dia haveriam de encerrar-se com uma comunicação do Professor António Marques Bessa. Para quem não conheça o ilustre docente, refira-se que se insere perfeitamente no grupo daqueles que classificam a descolonização com os adjectivos piores que imaginar se possam. Contrariamente à maioria dos congressistas, Marques Bessa não trazia texto escrito, optando por falar de improviso e utilizando um tom de voz e uma postura de quem prega um merecido raspanete a uma turma de impenitentes cábulas. A propósito da douta intervenção, reportou o Diário de Notícias de 13-11-2001:

«O debate decorria sereno, ora mais académico ou mais empírico, até à intervenção de António Marques Bessa, que não-tendo participado na guerra do ultramar, não deixou de expressar, de forma veemente, as suas opiniões ao II Congresso Internacional que decorre, no Seixal, até amanhã. Opiniões que provocaram algumas discordâncias, nomeadamente quando falou do abandono das ex-colónias. E mesmo frisando que o "inventor" do termo abandono é António José Saraiva, o professor universitário não se sentiu minimamente incomodado com a referência ao assunto na sua alocução sobre fronteiras. "É bom que eu não escreva um diário sobre isso", ameaçou. E defendeu que a dura realidade das ex-colónias só é perceptível in loco.»

Para além do pitoresco da situação, não posso deixar de estranhar a atitude do abespinhado mestre. Pois não era óptimo para a sua própria "causa" que o senhor Professor escrevesse o tal diário? Como é que poderemos, finalmente, saber a verdade sobre a descolonização, se são os que mais a criticam a embargar o que designam por verdade?

Mas não ficariam por aqui as intervenções de acerbo estilo. Ao terceiro dia de trabalhos, outro opinante da mesma área – tenente-coronel Brandão Ferreira – surgiu com uma comunicação que embateu com fragor contra o conceito global do próprio Congresso. Volto a citar o Diário de Notícias (15-11-2001), agora não por opção, mas por necessidade, dado que já não me encontrava presente:

«O último dia do II Congresso Internacional sobre a Guerra Colonial, no Seixal, ficou marcado pela intervenção de Brandão Ferreira que, embora aplaudida por uns, foi bastante mal recebida por outros. Foi o caso de Modesto Navarro que, já no debate da tarde, não perdeu a oportunidade para a classificar de "militarista", de extrema-direita e de um colonialismo atroz". O que disse então o tenente-coronel Brandão Ferreira? Na sua comunicação, entrou a matar: "Apesar de vir participar num congresso intitulado guerra colonial, que se presume que diga respeito a Portugal, sobre isso nada direi. Creio mesmo que tal evento, reportado aos anos 60 e 70, não existiu, estando o título deste encontro deslocado no tempo e incorrecto." E mais. No seu entender o argumento anticolonialista de que não se pode ficar com um território por este já antes ser habitado não pega. Assim, nenhum país hoje o seria. Há ainda os territórios desabitados, como Cabo Verde e S. Tomé. "Têm que ser independentes à guisa de quê? E porquê só S. Tomé e Cabo Verde? Será por nestes a maioria da população ser negra? Mas desde quando isso é razão? Será que os Estados Unidos vão dar independência a um Estado que tenha maioria pretaa?"»

Por aqui se pode concluir que não é a forma como se fez a descolonização que aflige o sector ideológico salazarista. O que materializa a sua malsofrida derrota é o próprio conceito de libertação dos territórios colonizados, incompatível com a doutrina estabelecida pelo Acto Colonial, segundo a qual pertencia à «essência orgânica da Nação portuguesa a missão histórica de possuir e colonizar territórios ultramarinos, e de civilizar as populações indígenas que neles se compreendam». Com esta visão mística da Nação – idealizada como sendo constituída por uma espécie de «povo eleito», predestinado para a nobre missão colonial – jamais haveria descolonização que satisfizesse.

Persistindo esta postura quanto ao debate sobre as vicissitudes do final do Império, antevejo sérias dificuldades para a concretização do repto que lancei. Entretanto, em nome da verdade histórica, resigno-me mais facilmente a não classificar a Guerra de 1961-74 como "Colonial" do que a entender que se pretenda dar lições de ciência política ameaçando com a publicação de um "diário". Pois que venham todos os "diários", com coragem e responsabilidade! •

Carta a Um Amigo

No dia 29 de Outubro passado, num brutal acidente de viação ocorrido na A1, perto de Mealhada, faleceu o coronel Augusto Pinto Henriques, presidente do Serviço Nacional de Protecção Civil.

Sócio fundador da Associação 25 de Abril, o coronel Pinto Henriques foi também fundador da Delegação do Norte, a cuja Direcção pertenceu e à qual dedicou particular carinho. Ligavam-nos laços de camaradagem e amizade que não se esquecem e que prevalecem para além do infeliz acontecimento.

Não se trata de homenagear o Pinto Henriques, apenas de recordar um pouco da sua vida na carta que lhe escrevemos.

Caro Alberto

Cheguei há pouco de Agramonte. Foi uma complicação sair do Porto; cada vez mais gosto de Ribela.

Pudera, dirás tu. Também eu gosto.

E eu sei que é assim por conhecer-te.

Lembras aquela mini Sala de Oficiais, no 1º Grupo, lá na Póvoa?

Claro que te lembras e bem melhor do que eu, que não tenho a tua memória.

O Proença, o Rocha, o Mato, o Chico e muitos mais. Jogavam às cartas até às tantas. Havia um velho móvel rádio e, isso lembro bem, a Suite Quebra Nozes. Conhecemo-nos aí.

Criámos a maior empresa de coelhos de que havia memória por aquelas bandas, 7 ou 8 coelhos no quintal abandonado da Messe. Sócios eu e tu mais o Proença. Que gozo!!!

Só o Guerreiro não gostava da situação. De facto, aquilo só nosso!

Mas a vida roda. Deixaste a Póvoa e desfeita a Sociedade, divididos os lucros, ficámos pela metade, que aliás não tem preço e que por isso só se troca, repartimos Amizade.

Jogámos bola e fomos campeões. Havia até uma foto na Unidade. Tenho a certeza que a perderam já. Acontece sempre assim aos grandes feitos; esquecem-nos.

Eu não esqueço, perco-lhes o lugar já que o tempo esse é sempre igual, não sei até se existe; parece-me inventado. Já viste coisa bela tempo ter?

Teve tempo a mini sala, a sociedade? Não, Alberto, só lugar.

Tem tempo a amizade? Não, amigo, nem tempo, nem preço, nem medida, é universo, é eternidade.

Antes que o esqueça, deixa que te diga que me pareceu ver-te com barriga no dia em que estiveste cá connosco na visita, agora sempre fugaz, aos Pontos de Ribela. Os meuros deram-te a volta à cabeça e só por milagre apareces.

E não gostei nada de ver perdido tanto esforço naquelas matinais comidas por Beiriz e Argivai. Foi-se a barriga e o fumo. Que vitória!...

Não era já altura dos coelhos. Timor era já longe, o Porto, Cabo Verde mais perto, Águeda ali ao lado e tu, meu comandante.

Faltou-te o teimoso e pronto, veio de novo a chaminé e a barriga. Mudam-se os lugares vai-se a vontade. Mas vê lá se tens cuidado que por este andar vamos ter um inverno bravo com tantas nuvens de fumo por aí; ainda intoxicas o S. Pedro e depois quem vão ter os Pontos de Ribela a receber-los!

Dizia-te há pouco que vinha de Agramonte, mas antes estive no Foz, como sabes.

Aquilo era gente que te digo!!!

Fiquei orgulhoso, mas não só por ti, por mim também. C'os diabos deixa-me cá ter um pouco de vaidade.

Ministros não vi, só secretários, presidentes actuais e até futuros. Confesso-te outra vez que até gostei.

Entendi quando me piscaste o olho. Seu marono!

Obrigaste-os a aceitar os teus valores.

Mas se fortuna não tens e os feitos melhores se esquecem, porque então eles ali?

Porque os vergaste. O trabalho honesto, humilde, não mesquinho, o saber ser apenas o que se é, mas assumi-lo, o servir e não servir-se, o saber dar-se e o ter um ninho.

Foi tudo isso e, assumido, ou porque apenas era bom que todos pensassem que era assim, o certo é que lá estavam.

Tu tens o dom da simpatia. Até acredito que fosse só por isso e lhes perdoo.

Mas havia como viste muitos mais, para além do ninho.

Vi-te os filhotes. Há tempo que os não via. São gaiviotas, amigo, ganham asas, saem barra fora a namorar o vento, mas voltam se há bonaxa e se há calor no ninho.

Estavam junto à Paula, gostei de vê-los e tu também, tenho a certeza, que tens orgulho neles e és um pai galinha. Como somos todos.

Depois muitos amigos, além dos Pontos, que vieram dizer-te adeus. Não tentei sequer explicar-lhes isto do tempo e dos lugares, é coisa de sentir e até entendo que possam ter o que é palpável por limite.

Não estava triste por ti quando, com o Antero, fui levar aquele montão de cravos vermelhos por Abril. Uma lágrima? Não dá por ela. Só sei que fiquei triste porque o Brandão neste dia te não vendeu em Guimarães um cravo. Como vês estavas enganado.

Já agora, como sabes, ele é esquisito, mandou-te um grande abraço.

Não vou dizer-te tudo o que ouvi, coisas sem interesse, que sei que tens como banais. Vão dar-te talvez um louvor, uns cem adjectivos, talvez mais. Vais rir-te.

O que de importante ouvi, eu vou dizer-to.

Um homem humilde, um seu soldado, disse:

- Um grande coração.

Alguém, como eu ouvi, ter-se- á interrogado. O que terá ele feito ao homem?

Eu sei. Foste apenas tu.

Uma velhota, não sei se da Ribeira, disse:

- Era bom homem.

E eu só queria acrescentar, um grande amigo, mas calei-me e consenti.

Está tudo aqui, amigo, está é a voz do povo e é de Deus.

Para terminar, vou dizer-te que não gostei nada do lugar que escolheste para esperar por nós. É acanhado, não se vê a Ribeira, o Douro, o Mar e nem sequer os pinheiros mansos da Avenida.

Disse à Paula, ao despedir-me, que iá trazer-te comigo. Mas prometes-me uma coisa. Da minha coluna eu sei, e não faço por isso o que não posso. Eu piso o risco? E tu? O que é que fazes?

Já me esquecia de dizer que o Porto fez sofrer, mas lá ganhou.

Em Abril vais comigo a Guimarães buscar um cravo.

Um grande abraço, Alberto, e até breve.

Bacelar
Ribela, 30/Out/01

Memória do 25 de Abril celebrada em Barcelona

Estudantes do Porto interpretam "Grândola, Vila Morena" nas tradicionais Festas da Mercê

No passado dia 23 de Setembro, em Barcelona, teve lugar um espectáculo designado "Do Atlântico ao Mediterrâneo" que contou com a participação de estudantes e professores de sete escolas secundárias da Galiza e do Norte de Portugal.

Integrado nas Festas da Mercê, este espectáculo decorreu entre as doze e as catorze horas no Passeio da Gracia, diante de um dos edifícios mais emblemáticos da arquitectura modernista de Barcelona, a Casa Milá.

Da cooperação entre escolas secundárias da Catalunha e da região galaico-portuguesa resultou uma dinâmica de diálogo entre culturas e de partilha de memórias históricas. A memória do 25 de Abril foi garantida pelas representantes da Escola Secundária Carlos Cal Brandão, do Porto, que interpretaram em linguagem universal Gestuno a canção de José Afonso, "Grândola, Vila Morena". No decorrer da sua apresentação, em catalão, foi dada informação sobre a revolução que saiu à rua ao som de uma canção.

A iniciativa inscreveu-se no quadro das actividades do Ano Europeu das Línguas. Celebrando os valores da paz e da interculturalidade, princípios do Sistema de Escolas Associadas UNESCO, a acção visou a interacção de jovens portugueses e galegos com jovens catalães, que acolheram aqueles em suas casas.

A participação das diversas escolas subordinou-se às temáticas da justiça social, da solidariedade entre povos e da paz internacional. Os estudantes oriundos de Portugal, além de José Afonso, levaram Manuel Alegre e Fernando Pessoa. Os estudantes galegos levaram além do hino galego de Eduardo Pondal e do poema "Acção Galega" de Ramón Cabanillas, canções africanas e brasileiras, dando visibilidade às finalidades do projecto pedagógico "A Rota do Escravo".

Este espectáculo multicultural teve o apoio das autarquias de Porto, de Monção, de Pontevedra, de Vigo e de Barcelona, bem como da Delegação do Norte da Associação 25 de Abril.

Convites feitos à A25A – Norte

2 de Novembro de 2001
• Pela Associação Olho Vivo - Núcleo do Porto, para uma reunião sobre a "Guerra desencadeada pelos EUA e Grã-Bretanha".

10 de Novembro de 2001
• Pelo Presidente da Câmara Municipal do Porto, para a Inauguração da Piscina Municipal de Cartes, na Freguesia de Campanhã.

14 de Novembro de 2001
• Pela Editora Campo das Letras e pela FNAC para o lançamento dos livros "O Matador" e "Inferno" de Patrícia Melo.

6 de Dezembro de 2001
• Pelo Presidente da Câmara Municipal do Porto para a Sessão Solene de Boas Vindas a Sua Excelência o Presidente da República Italiana e Senhora de Carlo Azeglio Ciampi.

11 de Dezembro de 2001
• Pelo Presidente da Câmara Municipal do Porto para o Lançamento da Primeira Pedra da Casa do Cinema – Manoel de Oliveira.

13 de Dezembro de 2001
• Pelas Publicações Dom Quixote e Câmara Municipal do Porto para a apresentação do livro "Ao Porto – Colectânea de Poesia" no Auditório da Biblioteca Almeida Garrett.

14 de Dezembro de 2001
• Pelo Presidente da Câmara Municipal do Porto para o Acto Comemorativo da conclusão das obras da marginal entre Massarelos e o Passeio Alegre.

18 de Dezembro de 2001
• Pela editora Campo das Letras e pela FNAC/Srª. Catarina para apresentação do livro "Ser Silva" de Manuela Vaz Velho.

19 de Dezembro de 2001
• Pelo Presidente da Liga dos Amigos do Museu Militar para a inauguração da exposição "As Armas e o Oeste Americano".

Visita de Rui Sá à Delegação Norte da A25A

Por lapso na composição do último número de O Referencial não foi publicada a notícia da visita do Eng. Rui Sá à nossa Delegação do Norte. Embora tardiamente fazêmo-lo agora, apresentando as nossas desculpas ao Eng. Rui Sá e à Delegação.

No seguimento da visita de candidatos de outras forças políticas, conforme já foi noticiado, a Direcção da Delegação do Norte da Associação 25 de Abril recebeu na sua sede o Eng.º Rui Sá, candidato da CDU à Presidência da Câmara Municipal do Porto nas próximas eleições autárquicas.

Após visita às instalações, em nome da Direcção, o presidente da Direcção, Ten. Cor. Ribeiro da Silva, saudou a delegação da CDU, que integrava ainda Artur Ribeiro, comerciante, Gaspar Martins e Oliveira Alves, membros da Assembleia Municipal do Porto e sindicalistas dos Bancários, referindo-se às raízes da A25A, às suas principais preocupações e projectos.

Rui Sá, fez questão, na sua condição de vereador da CMP e de candidato a um órgão do poder local, de manifestar a dívida de gratidão àqueles que tornaram possível o 25 de Abril, tanto aos militares como aos que contribuíram para que se concretizassem a Liberdade e a Democracia. Referindo-se aos problemas da cidade que conhece como autarca, apresentou as propostas e alternativas da CDU para a política camarária, tendo dado particular destaque ao desenvolvimento urbanístico, nomeadamente à problemática relacionada com o Parque da Cidade. A este respeito relatou os passos dados como vereador, entre outros a proposta de sindicância aos Serviços de Urbanismo da CMP, que foi recusada, no sentido do esclarecimento das preocupações existentes quanto a possíveis conluios de interesses entre os serviços da Câmara e grandes empresas imobiliárias.

O candidato da CDU mostrou ainda preocupação e disponibilidade para contribuir para uma solução, relativamente à recusa de atribuição de um edifício na Zona Histórica da cidade para a futura sede da A25A no Porto, cujo projecto estava em fase avançada e não chegou ao conhecimento da vereação da CMP.

O diálogo estabeleceu-se e seguiu-se a troca de opiniões sobre os problemas da cidade, em convívio agradável entre os membros da Direcção da Associação e os candidatos.

Fazer de todos os dias, o Dia de Natal

O Natal tornou-se numa festa cristã, a partir do séc.III por contraposição à festa pagã do solstício de Inverno (altura em que o Sol atinge o ponto mais a sul do Equador - ou seja, o primeiro dia de Inverno).

A conotação da festa do Natal com o Sol está de tal forma presente nos primeiros cristãos que estes celebravam a vinda do Verbo Divino feito homem como a festa do "Sol da Justiça".

Na verdade, Deus, sendo fiel à sua palavra (anunciada pelos profetas), consubstanciou a conduta recta do justo. Comemorar o Natal pressupõe, por isso, referências da memória. A própria ideia de associar o Natal à festa da Família prende-se com o que ficou dito. Não há família, nem amigos, sem memória. Plagiando Santo Agostinho, diríamos que a família e os amigos são um «presente do passado».

O que está para acontecer, o Futuro, é um nada. O Futuro só tem sentido por referência ao passado: temos de construir o progresso evitando os erros do passado. Talvez porque isto nem sempre tem acontecido, alguém chamou ao desencanto do mundo a «memória do progresso».

A memória implica sentimentos de fidelidade, pertença e, ao mesmo tempo, precariedade. A palavra que melhor expressa estes sentimentos é «saudade». Sinto saudade quando me vem à memória uma amizade a que sou fiel e não posso vivê-la no presente.

O Natal é também romagem de saudade: recordamos episódios de infância, encontramos amigos e sentimos o calor da família. E tudo isto eleva-nos e faz-nos felizes, porque toda a dignidade do homem reside na memória.

Pela memória, o homem é espírito, abre-se aos valores e constrói o Futuro. A memória é central na coesão da família, dos amigos e da vida comunitária.

A própria democracia exige memória. Sem memória, a vontade colectiva não se afirma e, por isso, a crise da democracia é o reflexo da falta de memória.

Dizemos que o nosso tempo é tempo de crise, porque constatámos que nele tudo é efémero, tudo se frui sem vínculos, as pessoas relacionam-se umas com as outras sem compromissos, nem responsabilidades. Assemelham-se aos denominados «produtos light». O que se diz hoje, desdiz-se amanhã e tudo soa a falso, sem que ninguém exija ou se preocupe com a verdade. É um tempo de «baixo teor calórico» feito de pragmatismo e politicamente correcto. Nunca se sabe onde a democracia se confunde com a própria demagogia.

Dar sentido ao Natal é, por isso, ter presente as consequências da memória nos costumes, na família e no rumo da nossa vida colectiva. Não só adquirir o tradicional bacalhau, transmitir votos de Festas Felizes, encontrar-se com a Família ou Amigos e celebrar o nascimento do Deus Menino, mas também abrir-se às referências históricas que configuram os valores da fidelidade, da justiça e da solidariedade e aprender com os erros a dar esperança ao Futuro.

Só este espírito pode fazer de todos os dias, o Dia de Natal.

João Baptista Magalhães
Professor e Mestre em Filosofia

CURSO DE BRIDGE

A A25A, com a colaboração do nosso associado Luís Galvão, pretende levar a cabo, na nossa Sede, um Curso de Bridge para iniciados, a começar em Março p. f.

Os eventuais interessados deverão contactar a A25A e proceder à sua inscrição.

BRIDGE

CAMPEONATO NACIONAL DE EQUIPAS DE CLUBES

Decorreu entre 30 de Novembro e 2 de Dezembro de 2001 o Campeonato Nacional de Equipas de Clubes, que teve lugar no Hotel das Termas, na Curia.

A nossa A25A fez-se representar por uma equipa constituída por Vasco Lourenço, Azevedo Paulo, Inocêncio Araújo e Luís Galvão.

Os nossos representantes conseguiram um honroso 4.º lugar, entre quinze participantes, tendo ficado praticamente «colados» ao 2.º (AACoimbra) e 3.º (São Bernardo) classificados, tendo o vencedor (Círculo Português de Bridge) ficado algo distanciado dos seus seguidores imediatos.

Relativamente ao Campeonato do ano anterior, melhorámos a classificação obtida (de 6.º para 4.º).

Esperemos que essa melhoria se continue a verificar em futuras competições.

BRIDGE TROFÉU A25A

No âmbito do bridge de competição, decidiu-se criar um trofeu de pares-open - **TROFÉU A25A** - que se prolongará por toda a época.

A contar para o Troféu 2001/2002 ainda se realizarão seis torneios, nas datas, e um em dara a anunciar oportunamente

20 de Fevereiro de 2002
20 de Março de 2002
17 de Abril de 2002
15 de Maio de 2002
19 de Junho de 2002

Como podem verificar, os encontros serão mensais, sempre à 4ª.-feira, realizando-se nas instalações da nossa sede, com **início às 21 horas**.

Em cada torneio, haverá prémios para os **pares vencedores** das linhas **N/S** e **E/W**.

Quanto à classificação final, ela **será individual** (o que permite a cada jogador mudar de par, nos vários encontros), apurando-se pelo conjunto dos **seis melhores resultados obtidos**.

Esta classificação definirá os jogadores que receberão **TROFÉUS**:
4 primeiros classificados (1º., 2º., 3º., 4º.)
2 primeiros associados da A25A (1º. e 2º.)
(não acumuláveis).

Contando com a adesão dos associados praticantes ou entusiastas, aqui deixamos o apelo para a participação e a divulgação junto dos amigos.

As **inscrições** deverão fazer-se na Sede da A25A, até à **véspera** de cada **torneio mensal**.

Participem! Tornem a A25A mais Viva!

BRIDGE TROFÉU A25A

Realizaram-se já dois torneiros, referentes ao Trofeu A25A (por razões de incompatibilidade de datas com a actividade federativa, o torneio que se deveria ter realizado em 12 de Dezembro foi adiado para data a indicar oportunamente).

RESULTADOS

21 de Novembro de 2001

Linha N/S

1. Vasco Lourenço - Luís Galvão
2. José Belmar - Rui Pires
3. Isabel Krus - João Morais
4. Manuela Araújo - João Fanha
5. Inocêncio Araújo - Manuel A.Paulo
6. Eugénia Davim - A.P. Gonçalves
7. José Belo - Júlio Marques
8. Helena Sá - Carlos Corte-Real

Linha E/O

Ana Ribeiro - Rui Ralha
Luís Correia - Raul Guerreiro
Carlos Cabrinha - Fernando Neves
Armando R. Deus - V. Melquiades
José Veloso - José Caldeira
Agostinho Nunes - José Nicolau
José Viana - João Viana
João Sá - Mário Duarte

16 de Janeiro de 2002

Linha N/S

1. Vasco Lourenço - Luís Galvão
2. Luís Correia - Rui Mesquita
3. João Simões - Herculano Ferreira
4. Mário Duarte - João Sá
5. Luz Mena Reis - José C. Barbosa
6. Luísa Perdigão - Alípio Gomes
7. João Viana - António Azevedo
8. Artur Codina - J. Júlio Martins
9. Carlota Mello - Maria João Parente

Linha E/O

1. Inocêncio Araújo - Azevedo Paulo
2. Isabel Manso - José Lima
3. Acácio Figueiredo - M. Costa Antunes
4. Mª Clara Lopes - Belarmino Martins
5. Carlos Cabrinha - Fernando Neves
6. José Belmar - Rui Pires
7. José Caldeira - José Veloso
8. Manuel Serra - Vítor Vigário

PONTUAÇÃO ACUMULADA

Vasco Lourenço	22 pts	Rui Ralha	11 pts
Luís Galvão	22 pts	Carlos Cabrinha	11 pts
Luís Correia	18 pts	Fernando Neves	11 pts
Inocêncio Araújo	15 pts	Raul Guerreiro	9 pts
Azevedo Paulo	15 pts	Isabel Manso	9 pts
José Belmar	12 pts	Rui Mesquita	9 pts
Rui Pires	12 pts	José Lima	9 pts
Ana Ribeiro	11 pts		

Recordamos que os próximos torneios se realizam em ***20 de Fevereiro, 20 de Março, 17 de Abril, 15 de Maio e 19 de Junho.***

PARTICIPEM! Tornem a A25A mais viva !

Vamos aprender Bridge! (53)

Todos os praticantes de bridge sabem como a aprendizagem das técnicas de carteio se traduziu num processo lento até que fossem adquiridos os necessários automatismos que em muito vieram contribuir para a melhoria das suas prestações à mesa de jogo.

Os automatismos a que nos referimos incluem a forma como determinadas combinações de cartas devem ser manuseadas, a escolha da linha de jogo probabilisticamente mais forte, a identificação da mão perigosa dos dois adversários, o saber recuar a entrada num naipe atacado pelos flancos, etc, etc.

Um dos objectivos dos nossos artigos é, seguramente, tentar contribuir para a consciencialização da necessidade dos jogadores automatizarem determinados procedimentos que, em grande parte, irão contribuir para a melhoria do bridge que jogam. Dentro dos gestos ou jogadas que devem procurar automatizar, a que julgo mais importante, até porque está presente em todas as mãos que joguem, será a que se refere à necessidade de proceder à CONTAGEM da mão do ADV, no que à DISTRIBUIÇÃO se refere.

Sei, por experiência própria, como é difícil e desgastante um jogador principiante tentar encontrar a DISTRIBUIÇÃO de cada um dos ADV. Mas também sei como esse automatismo pode ser adquirido se houver uma PREOCUPAÇÃO PERMANENTE em o conseguir e como os resultados obtidos melhoram significativamente quando tal prática entra no âmbito da pura rotina.

Deixo-vos, pois, um conselho bem sentido: procurem automatizar a CONTAGEM das mãos e verão como, ao fim de algum tempo, já o fazem sem qualquer tipo de esforço, exactamente como aconteceu com a aprendizagem da tabuada na escola primária!

1 - O CARTEIO
1.2 - CARTEIO EM ST
1. 2.3 - CONTAGEM DAS MÃOS DOS ADV PARA ELIMINAR E PÔR EM MÃO EM FINAL DE GOLPE

Vulneráveis: N/S
Dador: S

♠ R64
♥ AD2
♦ R863
♣ 853

N

S

♠ AD72
♥ RV85
♦ AD4
♣ AD

S	W	N	E
2 ♣ (a)	Passo	2 ♦ b)	Passo
2ST (c)	Passo	6ST	–

(a) Forte e indeterminado
(b) Resposta *(relay)* obrigatória
(c) 22/23 PH com mão balançada

Saída : - V ♦

Marcado que foi o contrato e exposto o morto, o carteador começou por analisar a carta de saída, enquadrada no seu jogo e no do morto.

Tudo indicava ter W saído a uma cabeça de sequência, procurando não «dar» vasa com a saída, decisão muito mais lógica do que haver saído com uma figura (o V) num naipe curto, o que, obviamente, não faria sentido.

Analisada a carta de saída, importava contar as VASAS RÁPIDAS ou GANHANTES À CABEÇA, o que o carteador levou a cabo desta forma:

3 a ♠
4 a ♥
3 a ♦
1 a ♣
11 vasas rápidas

Importava equacionar a forma de encontrar a 12.ª vasa!

O carteador constatou que poderia «arranjar» essa vasa em falta nos naipes de ♦ ou de ♠, bastando, para tal, que um deles estivesse dividido 3/3 nas mãos dos ADV.

A saída indicava que W deveria deter um naipe de ♦ com quatro ou mais cartas, pelo que a esperança residia particularmente na divisão equilibrada das ♠ (36%).

O carteador ponderou também a possibilidade de o R ♣ se encontrar em E, o que permitiria efectuar uma «passagem» para a fourchette AD em S e ganhar a vasa que precisava para cumprir o contrato, jogando neste caso numa linha a 50%.

Como jogador experiente, S ponderou a hipótese de «testar» primeiro a distribuição dos naipes de ♠ e de ♦ e de só tentar a passagem ao R ♣ no caso de nenhuma das distribuições ser favorável.

Temos de reconhecer que esta linha, por ACUMULAR HIPÓTESES, é bastante mais forte do que qualquer das anteriores (36%+23% +20,5%=79,5%).

Mas não haverá uma linha de jogo em que o carteador possa melhorar a probabilidade de sucesso no cumprimento do contrato?

Obviamente que sim. Bastará para tal considerar a hipótese de contar as mãos dos ADV e de, no caso das ♠ e/ou dos ♦ não estarem divididos 3/3, colocar (dar) a mão em E, depois de eliminar os naipes de ♠ e ♥ por forma a «obrigar» este jogador a «voltar-se» em ♣, garantindo assim o sucesso da passagem ao R ♣, estando ele onde estiver.

Consideremos que se esta hipótese se materializar a probabilidade sobe para 100%, o que garante o cumprimento do chelem e sossega o carteador e o seu parceiro.

Resta agora definir a ordem pela qual deverá ser posto em prática este PLANO DE JOGO. Comecemos por fazer a V ♦ com uma das figuras da mão. Depois vamos bater as ♥, onde iremos verificar que as mesmas estavam divididas 3/3. Mau prenúncio a naipe de ♥ estar 3/3 quando não nos traria inconveniente estar 4/2. Verificámos que ambos os ADV baldaram uma carta de ♣. O carteador baldou, na 4.ª carta de copas, o 4 ♠ do morto.

Em seguida vamos testar as ♠. Começamos por jogar para o R do morto e continuamos com A e D da mão. Surpresa (será mesmo surpresa?), pois na 3.ª jogada de ♠, W baldou uma outra carta de ♣.

Ficámos a saber que W tinha, de início, três cartas de ♥ e duas de ♠, pelo que lhe restavam oito cartas para ♣ e duas de ♦. E, por sua vez, mostrara possuir três cartas de ♥ e quatro de ♠, pelo que já só tinha «lugar» para seis cartas de ♣ e de ♦.

Bastará agora jogar os ♣ para se conhecer (CONTAR) com precisão a DISTRIBUIÇÃO completa dos nossos ADV. Assim feito, concluiu-se que W tinha uma distribuição: ♠ 2, ♥ 3, ♦ 4 e ♣ 4 (2, 3, 4, 4) e que E possuía ♠ 4, ♥ 3, ♦ 2 e ♣ 4 (4, 3, 2, 4).

Para ganhar o contrato apenas restava dar a mão, na 4.ª carta de ♦, a W para que este «homenageasse» o carteador pela sua prestação, apresentando uma carta de ♣ e garantindo o cumprimento do contrato sem necessidade do recurso à passagem ao R ♣, o que, como vimos, diminuía significativamente as probabilidades de sucesso, e que só deveria ser utilizado como última hipótese.

Eis a mão completa:

	♠ R64 ♥ AD2 ♦ R863 ♣ 853	
♠ 98 ♥ 743 ♦ V1095 ♣ R1072	N W E S	♠ V1053 ♥ 1096 ♦ 72 ♣ V964
	♠ AD72 ♥ RV85 ♦ AD4 ♣ AD	

A técnica de carteio aqui apresentada e que se baseia em ELIMINAR E PÔR EM MÃO, no final do golpe, um determinado jogador é muito utilizada nos contratos trunfados, mas também pode ser uma manobra útil nos contratos em ST. Esta técnica é de grande eficácia e elegância, mas exige que o carteador tenha RECONSTITUÍDO (CONTADO), como deve fazer habitualmente, as mãos dos ADV.

Acreditem que o vosso bridge, tanto o carteio como o ataque de flanco, melhorará significativamente se passarem a CONTAR AS MÃOS com assiduidade e que o esforço de o fazerem diminuirá com a prática, tornando-se tal CONTAGEM quase um acto reflexo com as vantagens daí decorrentes no que ao apelo à actividade dos neurónios se refere.

Até ao próximo número
Luís Galvão